



GERSTENBERGER, Erhard S. Israel no tempo dos persas. Séculos V e IV antes de Cristo. Coleção Bíblica Loyola 67. Tradução de Cesar Ribas Cezar. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, 550 p.

Roger Marcel Wanke¹

É consenso atualmente na ciência veterotestamentária, que o período persa é de fundamental importância para o surgimento do Antigo Testamento. Embora os persas raramente sejam citados no Antigo Testamento, foi exatamente nesse período que o Antigo Testamento surgiu em sua grande parte. Contudo, é importante destacar que no Antigo Testamento, poucos são os livros que de fato nos narram os acontecimentos deste período. Basicamente, fala-se de Esdras, Neemias, Ester, Deutero-Isaías, Ageu e Zacarias. Para melhor compreender o assim chamado *período pós-exílico*, ou *período do Second Temple*, ou ainda o *período persa*, precisa-se, além desses livros, buscar informações também em fontes extrabíblicas.

No entanto, nos últimos anos, cada vez mais exegetas compreendem o Antigo Testamento não como um livro do antigo Israel, mas sim do Judaísmo. Isso tem feito do período persa um dos focos da pesquisa exegética e também historiográfica. Por outro lado, na maioria das obras de História de Israel, os autores se

¹ Roger Marcel Wanke (Dr.) é docente na área bíblica, com ênfase em Antigo Testamento, na FLT - Faculdade Luterana de Teologia. Concluiu seu doutorado em 2009, na faculdade de teologia evangélica da *Universidade Friedrich Schiller*, em Jena, na Alemanha, sobre o tema da “*Praesentia Dei – As concepções da Presença de Deus no livro de Jó*”. É Pastor da IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil desde 1997 e faz parte do Comitê Editorial da Revista *Vox Scripturae*. E-mail: roger.wanke@flt.edu.br.

limitam a descrever as informações mais relevantes desse período sem, contudo, poder aprofundá-las. Em língua portuguesa, também se percebe no momento uma grande carência em obras de referência que aprofundem não apenas esse período da História de Israel, mas que permitam ao leitor relacionar os eventos históricos pós-exílicos com o surgimento do Judaísmo e, principalmente, do Antigo Testamento.

Para suprir essa falta e contribuir de forma significativa com a pesquisa na área do Antigo Testamento e especialmente da reconstrução de uma História de Israel, a Edições Loyola publica em 2014, um dos livros mais atuais e expressivos sobre esse período histórico de Israel, a saber, *Israel no tempo dos persas*. O autor, Erhard S. Gerstenberger é conhecido do público brasileiro, não apenas por ter sido docente em faculdades de teologia no Brasil entre as décadas de 70 e 80, mas principalmente por suas inúmeras e importantes publicações também em português. A mais recente de suas obras em português foi publicada em 2015 pela editora Sinodal com o título *Como estudar os Salmos?* Guia interativo para seminários e grupos bíblicos². Gerstenberger tem em seu currículo várias atividades docentes nos EUA, África do Sul, Brasil e em seu país de origem, Alemanha. Em todas essas estações de sua vida acadêmica, muitas experiências foram colhidas e isso se percebe nitidamente em suas publicações.

O presente livro é a tradução do seu original em língua alemã, publicado em 2005, pela editora Kohlhammer de Stuttgart, com o título *Israel in der Perserzeit – 5. Und 4. Jahrhundert v. Chr.*, como volume 8 da série *Biblische Enzyklopädie*, editada por Walter Dietrich e Wolfgang Stegemann, e que em 12 volumes aborda desde o período da Pré-História de Israel até os inícios da Igreja.

O livro segue a estrutura da série *Biblische Enzyklopädie* com quatro capítulos principais. O *primeiro capítulo* (p. 15-45) procura apresentar a imagem bíblica da época persa, se concentrando basicamente nas informações que são possíveis extrair dos próprios textos bíblicos deste período. Iniciando com o que para Israel foi o marco inicial de um novo tempo em sua história, o Edito de Ciro, Gerstenberger aborda o entorno histórico e político do Império Persa, o retorno da comunidade exilada e o processo de reconstrução da cidade de Jerusalém, do Templo, mas também do novo “Israel”. No *segundo capítulo* (p. 47-149), a ênfase está na reconstrução histórica do período persa a partir de fontes extrabíblicas, sejam elas das tradições epigráficas ou de artefatos e arquitetura, trazidos à tona por meio da arqueologia. A partir dessas fontes consegue-se também obter uma visão pano-

² Cf. na próxima edição de *Vox Scripturae – Revista Teológica Internacional* a resenha desta publicação escrita por Cristiane Voigt Schwambach.

râmica do Império Persa, suas estruturas, sua política, sua economia, sua sociedade, sua religião, sua cultura e, acima de tudo, sua influência para Israel. Neemias, Esdras, Zorobabel e os anciãos recebem atenção na abordagem de Gerstenberger, como atores principais nesta história. O contexto da diáspora, bem como a forma que essa nova comunidade de fé vivia e sua relação com os Samaritanos também são aspectos abordados pelo autor.

A parte mais abrangente da obra de Gerstenberger é o *terceiro capítulo* (p. 151-423), que se dedica a apresentar a literatura bíblica da época persa. O primeiro aspecto abordado pelo autor neste capítulo são os escritos originários, ou seja, os que surgiram neste período. Textos narrativos, como os livros de Crônicas, Esdras e Neemias, bem como textos normativos, tais como a Obra Sacerdotal, estão no foco. No contexto narrativo, Gerstenberger inclui ainda aqui as três famosas novelas pós-exílicas: José, Rute e Jonas. Dentro dos escritos originários estão também os que perfazem a literatura profética. Três são basicamente os profetas conhecidos neste período: Ageu, Zacarias e Malaquias. Contudo, o autor também inclui aqui o chamado Terceiro-Isaías (Is 55-66), por justamente pressupor aspectos histórico-religiosos do período pós-exílico tardio, que apresenta a prática comunitária do Judaísmo. Alguns outros livros proféticos são inseridos neste período pelo autor: Joel, Obadias, Naum, Habacuque e Sofonias. Para Gerstenberger, por trás das palavras proféticas deste período “perfilam-se com nitidez a comunidade de YHWH pós-exílica e seus rituais. Ela providenciou textos de uso e mediante estes deu forma à comunicação comunitária” (p. 224). Ainda como exemplares de escritos originários, o autor aborda a obra poética e litúrgica do período persa. Dentre elas, são destacadas coleções de salmos, coleções de provérbios e literatura sapiencial. Como expressão cúltrica da comunidade judaica, o autor aborda também os rolos festivos, também conhecidos como Megillot (Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester).

Ainda no terceiro capítulo, Gerstenberger aborda, de forma interessante, os escritos que passaram por um processo de atualização redacional. A reescrita de textos mais antigos foi importante para a fixação das tradições literárias e teológicas dos judeus. Entre as narrativas históricas, o autor aponta para a obra dos Deuteronomistas. Os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis passam por um processo redacional, que agora leva em conta a realidade da comunidade pós-exílica e o contexto da diáspora. A história do antigo Israel serve de paradigma para a comunidade judaica, que dá os seus primeiros passos na história. Um segundo bloco abordado dentro desta perspectiva de reescrita de textos mais antigos são novamente os livros proféticos. Para Gerstenberger, é óbvio que a tradição profética pré-exílica foi usada pela comunidade judaica pós-exílica, caso contrário, eles

não teriam entrado no cânone. Um dos argumentos principais para essa afirmação é a tônica monoteísta dos profetas. Aqui mais uma vez, o autor aborda a coleção dos Doze. Para Gerstenberger há vestígios dos deuteronomistas, principalmente nas epígrafes dos Doze Profetas, que agora são relidos à luz da história. Também o aspecto do domínio universal de YHWH é inserido. A relação YHWH e Israel entre as outras nações é tematizada. Também os três profetas maiores, Isaías, Jeremias e Ezequiel recebem uma nova releitura até a sua forma final canonizada. Por fim, também a terceira parte do Cânon hebraico, passa por um novo processo de releitura, mesmo que essa divisão seja tardia. Aqui Gerstenberger se limita a abordar acréscimos ao livro de Salmos, o processo de surgimento do livro de Jó e o processo redacional do livro de Provérbios. Não por último, o autor aborda toda a discussão em torno no surgimento e da canonização da Torá (Pentateuco), que também encontra no período persa o seu tempo de releitura e fixação.

No *quarto capítulo* (p. 425-532), o autor apresenta o fruto teológico do período persa. O objetivo do autor não é ser redundante, mas sim “descrever ligações necessárias e complementares, estabelecendo algumas linhas de comunicação com o momento presente” (p. 426). O autor inicia a abordagem do quarto capítulo descrevendo o contexto da religiosidade persa e babilônica. Na sequência, questões de gênero, principalmente o papel das mulheres, das festas e rituais e o perfil espiritual das comunidades são destacados pelo autor para apresentar a gênese das estruturas eclesiais, referindo-se aqui à comunidade judaica, tanto de Jerusalém como da diáspora. O tema monoteísmo não poderia ficar de fora. Gerstenberger faz questão de mencionar os processos de transformações das concepções sobre Deus, principalmente a concepção do YHWH, Deus de Israel, para o YHWH que domina sobre o mundo. Com isso, ele aborda o universalismo e o particularismo, a criação do mundo e do ser humano e a história e o fim do mundo. Como terceiro enfoque em seu quarto e último capítulo, Gerstenberger destaca o *ethos* fraterno na comunidade de fé, entre eles estão o amor e a justiça, a santificação e a delimitação, e por fim, a universalidade e a tolerância. Ao final do capítulo, o autor ainda apresenta impulsos para a formatação do mundo, a partir dos resultados de sua pesquisa. Para Gerstenberger, os “textos bíblicos podem falar de modo libertador e vivificador em nossa atualidade” (p. 510). Nesse sentido, o autor aborda o diálogo com a tradição, mas a partir da análise da realidade atual, como tem sido frequente na teologia latino-americana. As relações entre os seres humanos, que perpassam desde as questões de gênero até as relações econômico-sociais. Outro tema abordado aqui pelo autor são as concepções de Deus. Para ele, a imagem de Deus da comunidade pós-exílica era uma variação entre o Deus pessoal e próximo e entre a concepção de um Deus distante e universal. Na sequência, Gerstenberger aborda

impulsos da teologia do período persa para a sociedade global. Nesse contexto, ele inclui o conceito de humanização, que para ele,

sobretudo da economia de mercado global é um programa teológico necessário. Justiça e paz para todos é fundamental em nome de Deus. Proteção da natureza, manutenção da biosfera da terra, cuidado de seus recursos limitados são pressupostos irrenunciáveis de uma vida humana, e portanto, parte substancial de toda teologia responsável. Para nós, os impulsos para tais conhecimentos e concepções surgem da Bíblia, isto é, das comunidades judaicas do período persa (p. 529).

Ao término de seu livro, Gerstenberger ainda aborda brevemente a questão da unidade e pluralidade hoje.

Além de três índices remissivos, apresentados ao final da obra como auxílios aos leitores, Gerstenberger intercala ao longo de sua abordagem uma série de breves excursos que aprofundam os temas. Pelo fato de esses excursos não aparecerem discriminados no sumário do livro, opta-se aqui por apresentá-los: A ascensão de Jerusalém a cidade sagrada (p. 100-101); Dívidas e perdão das dívidas no Antigo Oriente (p.125); O messias e o fim do mundo (p. 209-210); Instrução comunitária como situação vivencial (p. 235-237); Profetas, Torá e comunidade (p. 307-310); Discurso para a comunidade em Ezequiel (p. 350-352); Por que “Escritos Sagrados?” (p. 388-389); O que é monoteísmo (p. 466-468). Uma série de tabelas explicativas, mapas, ilustrações iconográficas e epigráficas, além de textos extrabíblicos permeiam as 550 páginas do livro e tornam a leitura proveitosa, interessante e didática.

Metodologicamente, o livro é uma combinação de pressupostos histórico-críticos e histórico-sociais. Gerstenberger tem em sua bagagem cultural influências da Teologia da Libertação, traços da exegese feminista e das ciências sociais. Sua leitura é sócio-literária em perspectiva ecumênica. Com esses “óculos”, Gerstenberger procura ler o Antigo Testamento e neste caso, apresentar o período pós-exílico. Conforme o autor escreve no prefácio, “o presente trabalho é uma tentativa modesta [...] de entender melhor os modelos de fé e de pensamento persas [...]. E em segundo lugar vale a pena ler os escritos hebraicos da Bíblia na perspectiva das comunidades de YHWH do período persa, refazendo o caminho da história da tradição da frente para trás” (p. 9-10). Nesse empreendimento, o autor é da opinião que a pesquisa do Antigo Testamento deveria avançar ainda mais, para “poder superar ou modificar os modelos de interpretação tradicionais” (p.10). Nesse sentido, Gerstenberger, a partir principalmente das referências da Teologia da Libertação, tem o foco na realidade não só dos primeiros leitores do texto bíblico, mas principalmente dos leitores atuais. Os problemas de hoje encontram eco

no texto bíblico e na história do povo de Deus, e o povo de Deus de hoje encontra força nos textos bíblicos para poder superá-los. Esse aspecto de atualização pode ser bem destacado no último capítulo dessa obra.

Lendo o livro criticamente, é exatamente nesse ponto, que talvez se deva questionar a metodologia usada pelo autor. Se deve haver pluralidade e diversidade também na forma de ler e interpretar a Escritura, como tanto defende o autor nessa e em outras obras, por que os modelos de interpretação tradicionais deveriam ser superados ou modificados? Que diversidade seria essa? A leitura socioliterária da Bíblia, bem como os resultados obtidos pela exegese feminista e até mesmo o quadro teórico da Teologia da Libertação, aplicado ao texto bíblico, têm trazido frutos relevantes para a exegese e para a pesquisa. Mas pergunta-se também até que ponto esse tipo de exegese e análise não impõe ao texto bíblico e à própria história uma leitura unilateral e ideológica, inclusive, podendo ser considerada também fundamentalista, mesmo que com critérios diferentes da exegese literalista, que há tempos também é conhecida por seu fundamentalismo ideológico. Não se nega aqui que amor, justiça, solidariedade, tolerância, pluralidade, entre outros, sejam importantes e que os mesmos podem ser apreendidos dos textos bíblicos e da comunidade judaica pós-exílica. Mas esses termos tendem a caracterizar atualmente perspectivas meramente ideológicas, que são diluídas e não sustentam o arcabouço teológico fenomenal que é o Antigo Testamento e a teologia do período pós-exílico. O Antigo Testamento não se permite reduzir a uma série de chavões ideológicos e utopias. Ele é muito mais do que isso. Ele é o testemunho vivo do agir de Deus na história do povo e a reflexão teológica de homens e mulheres acerca desse agir no pulsar da vida desse povo. Esse povo, no entanto, não é digno dessa intervenção e revelação de Deus. Ele não somente experimenta a intervenção de Deus em sua história, como é chamado por Deus para fazer história entre os povos. O Antigo Testamento, a partir da Bíblia Hebraica e de suas obras historiográficas, não é utópico. Ele termina em aberto para uma viva e nova esperança.

Considerando essas poucas questões críticas, o leitor tem em suas mãos uma obra valiosa a respeito do período pós-exílico. O livro contribui imensamente para a compreensão do Antigo Testamento, da historiografia da História de Israel e da História das Religiões. Estudantes de Teologia e pessoas em geral poderão fazer bom proveito de *Israel no tempo dos persas*.